

## ***Racismo no Futebol***

**Juliana Garcia (UFRJ)**

**SILVA, Carlos Alberto; VOTRE, Sebastião: Racismo no Futebol. Rio de Janeiro: HP Comunicação Editora, 2006.**

A relação entre futebol e sociedade é um tema amplamente discutido entre os pesquisadores da História e das Ciências Sociais que analisam a manifestação social e cultural exercida pelo esporte na sociedade moderna. No Brasil, muitos estudos têm revelado um constante diálogo entre o futebol e o ambiente simbólico e coletivo definidor do conjunto social brasileiro, geralmente articulando-o a temas mais amplos, como nacionalismo, identidade, gênero e questões étnicas.<sup>1</sup>

Dentro alguns desses estudos, a análise da presença e participação do negro no universo futebolístico é assunto polêmico e ainda não totalmente explorado. Poucos pesquisadores realizaram investigações sobre sua relação com a exclusão racial e social predominante na sociedade brasileira no início do século XX. Com exceção de obras como a de Mario Filho, *O Negro no Futebol Brasileiro*, escrita em 1947, com uma segunda edição em 1964 e de Thomaz Mazzoni, *História do Futebol no Brasil, 1894 -*

---

<sup>1</sup>Dentre alguns desses estudos:

DA MATTA, Roberto. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982

CALDAS, Waldenir. *Pontapé Inicial: memória do futebol brasileiro 1894-1933*. São Paulo. IMBRASA, 1990

PEREIRA, Leonardo A. M. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000

ROSENFELD, Anatol. *Negro Macumba e Futebol*. São Paulo: Edusp, 1993.

1950, publicada em 1950, são relativamente recentes os trabalhos que analisam o futebol nessa perspectiva.

A partir da década de 90 é possível observar uma efervescência na publicação de estudos referentes à participação dos negros no futebol brasileiro, estimulando intensos debates nas rodas acadêmicas. Dentre esses trabalhos, podemos explicitar o livro *Racismo no Futebol*, dos autores doutores em educação física e letras, Carlos Alberto Figueredo da Silva e Sebastião Josué Votre.

Publicado em 2006, essa obra é fruto de um estudo feito por Silva, intitulado *A linguagem racista no futebol brasileiro* e publicado nos anais do VI CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DO ESPORTE LAZER E EDUCAÇÃO, realizado no ano de 1998.

O livro apresenta como proposta analisar o racismo no futebol brasileiro a partir de três análises que parecem estar dissociadas entre si. A primeira pretende realizar uma releitura das críticas dirigidas aos jogadores negros, comparando-as com àquelas feitas aos jogadores brancos, veiculadas na mídia impressa nacional durante as copas de 1950, 1982, 1986, 1990 e 1998. Segundo os autores,

As críticas dirigidas aos jogadores brancos atacam principalmente o jogador como atleta em seu desempenho técnico e tático. No entanto, as críticas dirigidas aos jogadores negros e mestiços são, em grande parte, racistas, atacam principalmente o jogador como pessoa na sua fibra, coragem, enfim as virtudes da alma humana.(Idem, p.9)

Os episódios escolhidos pelos autores para essa análise referem-se às derrotas da seleção brasileira em copas do mundo, momento em que, segundo eles, propiciaram a proliferação de críticas culposas a alguns jogadores devido à derrota. Para os autores, às

críticas dirigidas ao goleiro Barbosa na copa de 1950, definido por Mário Filho como um grande “tremedor” ou a Ronaldo em 1998, considerado como jogador “amarelão”, são representações depreciativas ao homem, extrapolando impressões relacionadas ao atleta em sua postura técnica.

Em contraposição, as críticas dirigidas à Zico e à Dunga, considerados culpados pela derrota das copas de 1986 e 1990, segundo os autores, afetam apenas a imagem desses jogadores como atletas, às vezes indicando falhas técnicas, como erros de finalização (Zico perdeu o pênalti da final da Copa de 1986, contra a França) e de marcação (representada pela força física de marcação de Dunga).

A segunda parte do trabalho que se relaciona à segunda análise proposta pelos autores, intitulada *Ascensão dos jogadores negros e mestiços no futebol brasileiro: a vitória da raça*, Silva e Votre descrevem a “vitória da raça na trajetória tortuosa de jogadores negros e mestiços” (Idem, p.10), representada pela incorporação do profissionalismo no futebol brasileiro, seguido de uma breve apresentação da influência da ideologia do branqueamento da raça levada ao cabo pelas elites intelectuais e políticas no Brasil no início do século XX.

A terceira análise, intitulada *Racismo para dentro e para fora*, os autores buscam oferecer “uma interpretação sobre a ressurgência do racismo no futebol no início do terceiro milênio” (Idem, p.10), a partir do caso entre os jogadores argentino Leandro Desábato e o brasileiro Grafite, no momento em que o time do São Paulo e do Quilmes se enfrentavam pelas oitavas-de-final do campeonato Taça Libertadores da America, em abril de 2005.

Além dessas três análises, os autores expõem no livro uma entrevista feita com o jornalista Luis Mendes, apresentando as suas concepções sobre o problema do racismo no futebol nacional e um epílogo no qual propõem “uma nova ética para o futebol,

fundada no conceito de solidariedade, que implicará no fortalecimento da cidadania ativa e crítica,...”. (Idem, p.11)

Nossas impressões em relação ao livro de Silva e Votre são boas a partir da perspectiva de ser um trabalho que suscita questões relacionadas à construção das imagens dos jogadores negros e mulatos no futebol nacional, tema ainda pouco explorado. Entretanto, consideramos que os autores trabalham esse tema com certa superficialidade, estabelecendo em algum momentos “generalizações espúrias”<sup>2</sup> e afirmações perigosas, principalmente nas duas primeiras partes do livro.

Em relação à primeira parte do trabalho no qual os autores analisam uma postura preconceituosa da mídia impressa em relação aos jogadores negros nos episódios de derrota em Copas do Mundo, percebemos que uma análise mais aprofundada das fontes jornalísticas pesquisadas e de outras pesquisas sobre esse tema poderiam contribuir para uma análise menos superficial.

Em relação à Copa de 1950 e às impressões preconceituosas construídas em torno da imagem de Barbosa, os autores ressaltam que “esta copa criou um estigma” (Idem, p.18), indicando que a partir de 1950 “os goleiros negros passaram a ser preteridos em relação aos goleiros brancos.” (Idem, p.18) Definições como “covarde”, “tremedor” proferidos a Barbosa, para os autores, seriam a confirmação do preconceito racial no futebol.

Além dessas expressões dirigidas a Barbosa, Silva e Votre ressaltam que metáforas como “sem fibra” e “alma dos vira-latas” identificados no periódico Correio da Manhã de 18/07/1950 remete “à questão das mazelas da miscigenação, que foi amplamente discutida no início do século XX” (Idem, p.17) e complementam sua análise, indicando que “sem fibra” “quer dizer sem alma, sem força, sem fibras

---

<sup>2</sup> Essa são as palavras de Antônio Jorge Soares sobre o estudo de Silva, apresentado no VI Congresso de História do Esporte, Lazer e Educação Física, em 1998 e que resultou a publicação do livro aqui analisado.

musculares, sem carne, sem sangue, sem determinação, sem raça. Mas que raça? Sem raça pura. Sem pedigree. Um vira-latas.” (Idem, p.17) Consideramos essa interpretação uma generalização superficial, visto que poucos estudos sobre as categorias “raça” e “fibra” e sua relação conceitual a partir das perspectivas historiográficas e sociológicas muito pouco estudadas.

Em relação à segunda parte do livro na qual é trabalhado o tema da “ascensão dos negros no futebol brasileiro” (Idem, p.31) no início do século XX, os autores deixam registrado o posicionamento “pró Mario Filho” (Idem, p.32), identificando como caso nítido de racismo a formação da AMEA (Associação Metropolitana de Esportes Atléticos) em 1924, que estabelecia em seu estatuto um conjunto de normas que impunha o amadorismo, excluindo dos seus quadros aqueles que tivessem qualquer profissão braçal e que não soubessem ler e escrever, para Silva e Votre, negros e mestiços. Além disso, a resistência do *ethos* amador desse esporte seria determinada como uma forma de introduzir um símbolo de diferenciação social. Para o jornalista a fundação dessa associação seria uma reação dos grandes clubes elitistas cariocas, Fluminense, Botafogo e Flamengo à vitória do Vasco da Gama no campeonato estadual no ano anterior, time do subúrbio composto por negros mulatos e pobres.<sup>3</sup>

Dessa forma, a utilização da expressão “ascensão” relacionada à crescente participação de negros e mulatos no futebol no início do século passado é utilizada por Mario Filho e reproduzida pelos autores nesse livro para indicar que esses conseguiram resistir ao racismo, principalmente a partir do estabelecimento do profissionalismo futebolístico, o que acabou gerando uma democratizando ao acesso de todos ao esporte.

Com isso o amadorismo se configurava pela defesa de um futebol não-negro, fechado às classes populares, circunscrito, portanto, às elites urbanas brancas. O futebol

---

<sup>3</sup> FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003.

seria um reflexo das representações e relações estabelecidas na sociedade brasileira que, no início do século XX experimentava práticas segregacionistas e racistas relacionadas à ideologia do branqueamento, constituída a partir de um conjunto de teorias científicas evolucionistas européias que indicavam a mestiçagem um fator de atraso econômico e social.

Concordamos com os autores que o futebol possa iluminar questões sociais mais amplas, imersas na sociedade brasileira. Podemos observar um constante diálogo entre ele e algumas questões definidas na sociedade, destacando principalmente que o desenvolvimento esportivo do país estava relacionado ao aprimoramento da raça e da nacionalidade. E o futebol, por sua popularidade, se definia como um ambiente propício para o desenvolvimento de debates sobre a formação do conjunto que deveria representá-lo.

No caso da insistência das elites urbanas à manutenção do amadorismo, não podemos deixar de destacar que além de se configurar como uma postura de restrição à prática do futebol a um coletivo do qual faziam parte, essa preocupação abarcava também a iniciativa de alguns grupos dessa elite em ampliarem as tomadas de decisão dentro das instituições esportivas.

Antonio Jorge Soares desenvolve essa última idéia, ressaltando o interesse dos grandes clubes em alargar seu poder na condução da prática do futebol, principalmente no episódio da fundação da AMEA, entendida por Mario Filho como nítido caso de racismo<sup>4</sup>. Para o autor, o surgimento dessa associação estava relacionado diretamente ao desejo desses clubes em guiar a prática do futebol sob seus preceitos, pois se sentiam prejudicados frente aos pequenos clubes pelos maiores esforços e gastos utilizados por

---

<sup>4</sup> SOARES, Antônio Jorge G. *Futebol, raça e nacionalidade no Brasil: releitura da história oficial*. Doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, Programa de Pós- Graduação em Educação Física, 1998.

eles dentro do cenário esportivo. Nesse sentido, esse episódio estaria associado a uma proposta de manutenção do amadorismo, ao tentar definir um grupo restrito a partir critérios estabelecidos por esse mesmo grupo para prática do futebol e não seria, portanto, uma estratégia de racismo, como acreditava Mario Filho.

Consideramos essa hipótese de Soares importante ao debate sobre esse tema. Ainda que não concordando inteiramente com a análise de Soares acreditamos que ela é uma contribuição interessante, uma nova perspectiva a esse assunto. Discordamos radicalmente de Silva e Votre por considerarem essa “interpretação importante, porém, falsa.” Essa afirmação nos remete à um posicionamento teórico da historiografia positivista do século XIX que considerava os fatos históricos objetivos e como verdade única. Parece-nos dessa forma, que para os autores, a interpretação de Mário Filho seria a correta, já que eles afirmam seu posicionamento a favor do jornalista.

Não acreditamos que existam análises falsas ou verdadeiras. Considerar essa idéia é perigoso, pois limita o pesquisador e engessa o conhecimento histórico e sociológico. O conhecimento é construído a partir do debate, do enfrentamento entre diferentes perspectivas analíticas que estimula, inclusive, o desenvolvimento de novas pesquisas e a construção de outras análises.

**Juliana Garcia** é mestranda do Programa de pós Graduação de História Comparada, UFRJ.